



N.º 22 — LISBOA 13 DE JUNHO

I
ANNO
1900

A PARODIA

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa e provincias, serie de 26 numeros	500 réis
.....	13000
Cobrança pelo correio custa	100
Africa e Estrangeiro, accresce o porte do correio.	
Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines (GRAND CAFE).	

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Publica-se ás quartas-feiras

CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Administrador — CORZAGA SOMES
Administração — RUA DA BARROCA, 115, 1.º

Composição: Min. Peninsular, 111, R. da Alalaya, 113
Impressão: Lithographia da Comp.ª Nacional Editora,
Largo do Conde Barão, 50

Preço avulso 20 réis
Um mez depois de publicado 40 réis

ENCRAVAÇÃO



Uma no cravo, outra na ferradura.
Encravados ambos.

Contradições catalepticas



UM dos dias da semana passada, o subdelegado de saúde, Dr. Joyce, passando pelo Avenida Palace, em frente da instalação de cosmoramas, em que se encontrava no seu

primeiro dia de somno cataleptico, o dorminhoco Papuss, parou, entrou, e invocando não sabemos que lei supérflua, ordenou que o morto apparente fosse sem demora restituído á vida.

Segundo a lei e segundo o Dr. Joyce, só era então permitido morrer por uma fórmula definitiva.

Passam-se, porém, alguns dias depois da resurreição de Papuss, e lê-se com assombro nos jornaes que este moderno fakir vae de novo entregar-se ao seu somno de nove dias, sem intervenção da policia.

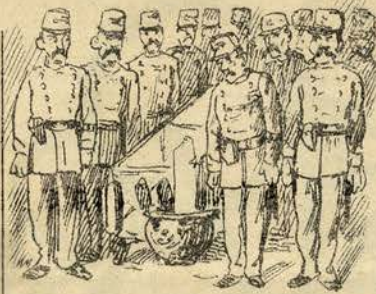
E assim succedeu. Uma manhã, Papuss, que no intervallo do seu resurgimento tivera tempo de se preparar para morrer de novo, declarou que Maximiano & C.^ª, empresarios, foram servidos leval-o da vida presente, e, mediante convites espezias, por não haver estado de consternação, exhalou o ultimo suspiro.

N'este doloroso transe, por quem se faz representar a policia?

Pelo Dr. Joyce.

E o Dr. Joyce não só poudo presenciar os ultimos momentos do infeliz Papuss, como, tendo-lhe espreitado a agonia, passou, com mão firme, o attestado de obito.

Depois, que vimos?



Na camara mortuaria, a policia; ás portas, a policia; a policia em volta do feretro.

Existe evidentemente n'este caso uma contradição, a qual é de se considerar bom um facto, que pouco antes era considerado máo.

Mas existe mais: existe o precedente, já agora estabelecido, da policia participar não diremos dos lucros, porque demasiado a sabemos desinteressada, mas das glorias das exhibições raras.

Fazendo a guarda d'honra do somno cataleptico de Papuss, a policia tornou-se *ipso facto* solidaria com o exito do dorminhoco, e, da mesma fórmula, com o seu insuccesso, caso o tivesse.

Suppunhamos que Papuss, imprevisitamente, resuscitara ao terceiro dia, e o encontravamos não deitado, mas sentado á mão direita de Maximiano & C.^ª, empresarios, e declarando-se farto de dormir.

Que faria a policia?

Obrigal-o-hia a recolher-se de novo ao seu feretro?

Restituiria a importancia das entradas ao publico iludido?

Em qualquer dos casos, aonde iria parar o seu prestigio?

A policia-empresaria poudo ser o signal da queda d'esta util instituição. Que ella reflecta, e ponha termo á sua recente paixão pelas exhibições de vitellas de tres cabeças.

Que se contente com as Academias de Bilhar.

Estas, pelo menos, não correm nunca o risco de restituir as entradas.



1.
Não sejas, meu cravo, ruim,
Bóta cá um emprego á gente,
Que eu não sei se o Alpoim
Deixou alguns p'rá semente!

DITOS



REGRESSARAM já muitos dos peregrinos, que tinham ido a Roma. Vem derreados. Passaram fome, passaram tormentos, domdom!

Mas viram o Papa.

—«Pois nós por cá—dizia o nosso amigo Mendonça e Costa a um dos recém-chegados— não nos demos a tanto incommodo, e vimos coisa muito melhor que o Papa...»

—«?!»

—«Vimos o Papuss!»

Incorrigivel, este Mendonça e Costa.



M illustre professor da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, muito conhecido e apreciado desde que tentou as azas na Litteratura, até que pousou no ramo verde da Sciencia, tornando-se um dos mais notaveis e mais lunaticos membros do corpo docente da referida Escola,

vae publicar um livro da sua especialidade, para o qual os seus discipulos escolheram já, com conhecimento de causa, a seguinte designação da materia vasta que n'esse livro se contém:

—Pathologia no espaço!



2.
Fosse o cravo maioria
C'o Antonio Cabral no centro!
— Quantas vezes o ouvira
Com vontade d'ir lá dentro!



OR se ter exgotado a verba incluída no orçamento do Ministério da Justiça para pagamento dos juizes de 1.ª e 2.ª instancias no quadro da magistratura judicial sem exercicio, mas com vencimento, não podem ser abonados este

mez os respectivos vencimentos aos actuaes juizes no quadro.

A collocação de grande numero de juizes n'aquella situação, feita ha um anno a esta parte, exgotou por completo a verba destinada ao pagamento d'esses funcionarios. E apesar de todas as primeiras instancias e todas as segundas instancias, não se lhes arranja verba.

Portanto, a designação de—quadro da magistratura judicial sem exercicio, mas com vencimento—deixa de ser uma designação exacta. A mais acertada, enquanto não haja verba, será esta:

—Verdadeiro quadro da miseria judicial, sem exercicio e sem vencimentos.

Imploramos a caridade dos nossos leitores.



CONSTA que o Sr. Ministro da Guerra, Sebastião Gallifet Telles, vae publicar muito brevemente algumas determinações referentes a serviços dependentes da sua pasta.

A Escola de Infantaria soffrerá diversas modificações, entre as quaes a supressão da companhia normal de instrucção.

A Escola de Cavallaria será definitivamente installada em Alcobaça.

E o Quartel General—em Abrantes.



O Espregueira tem mau travo Mas é boa creatura! Quando dá uma no cravo Dá outra na ferradura!

INFORMA um jornal que o transporte Pero d'Alemquer vae sair em cruzeiro de instrucção para officiaes de marinha.

E' um caso novo, difficil de deslindar. Pois que instrucção podem necessitar ainda esses nossos briosos officiaes de marinha? —«So se fôr a instrucção primária...»



O escultor Queiroz Ribeiro Conserva a remeniscencia De ter já visto um agreiro No olho... da Providencia!

A PARODIA no Porto ou o Porto na Parodia

A ACADEMIA E OS BOERS

Quaes franciscanos ou mendicantes, os catudantes republicanos deixam a Escola, e de sacola, mais de bernal' vão pelas ruas pedindo esmola para o Transwal. O Povo aclama quem limpa a lama que suja a fama de Portugal, mas, truculento, surge, violento, o elemento official. E n'ampidão, negra visao, surge o dragão policial... Casas bancarias, são perdurarias, p'ra luminarias, et cetera e tal, de caridade p'ra uma obra, nada lhes sobra, nem um real! So o Pavinho abre o bolsinho, e o dinheirinho, a bem ou mal, sac d'algibeira... D'esta maneira, Que algum se arranje não creio tal... —Viva o Orange! mais o Transwal!



ARILLO.

M. MONTEIRO

O ARRAIAL DE SANTO ANTONIO



O saltar da fogueira

VIRA VIRA VIRA VIRA
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

UM INQUERITO



RECENTE publicação do livro do Sr. Carneiro de Moura intitulado — *A Mulher e a Civilização*, deu-nos a ideia de abrir um inquerito sobre o mesmo assumpto, e para esse fim nos dirigimos, já pessoalmente, já por carta, a alguns dos homens mais illustres de Portugal,

muitos dos quaes nos responderam prontamente.

Das respostas que obtivemos, muitas não pôdem ser publicadas n'um jornal que, como o nosso, está sendo o de maior circulação, e, como o nosso, destinado a entrar em todas as casas, e a ser manuseado pelos tres sexos: masculino, feminino e neutro. Alguns cavalheiros houve, tambem, que não quizeram responder-nos. Um d'elles, cujo nome desejamos lançar ao olvido... d'Alpoim — quando sozbe do assumpto sobre o qual iamõs pedir a sua opinião, pela mesma criada que lhe levou o recado, nos enviou este:

— «Manda dizer o senhor que, a respeito de mulheres e de civilização, nunca está em casa p'ra ninguem!»

Não percebemos, e passámos adiante. Dirigimo-nos então ao primeiro transeunte, que encontrámos no caminho, e que aconteceu ser, como sempre, o

Sr. Alberto Braga



— «O melhor perfume que eu conheço para deitar no lenço, meu caro amigo — disse-nos elle — é o perfume da mulher. Por outras palavras, meu caro amigo, a mulher é o ylang ylang da civilização.»

Proseguindo no nosso proposito, encontrámos um pouco mais acima o

Sr. Doutor Taborda

mais conhecido por Doutor Tabordinha. Pedimos-lhe licença para lhe pegar ao côllo, ao que Sua Excellenciasinha annuiu, e interrogámo-lo em termos peremptorios:

— «A minha opinião — disse-nos — é a de que se os homens não se medem aos palmos, outrotanto não deve acontecer com as mulheres. A mulher e a sardinha... da maiorzinha.»



— «E pelo que respeita á civilização, o que nos diz V. Ex.ª?»

— Pelo que respeita a civilização, devo dizer que depois do João Felix Pereira não se tem adiantado muito...»

Tornámos a pôr o Doutor Taborda no chão, e como o perdessemos de vista immediatamente, fomos procurar, em sua propria casa, o

Sr. Pina Vidal



que muito amavelmente nos recebeu, dizendo-nos:

— «O estudo do Dr. Carneiro de Moura veio fazer uma verdadeira revolução na geometria portugueza (?) porque sendo, como é, um «estado historico, economico e juridico da evolução paralella dos sexos», parece ter-se encontrado, finalmente, um caso, em que duas paralelas se encontram. E como V. não ignora, por certo, essas duas paralelas, até agora, por mais que se prolongassem, nunca chegavam a encontrar-se.»

Temos muitas outras respostas em nosso poder, e tencionamos publical-as pouco a pouco — agora duas, amanhã outras duas, ou tres, conforme... Mas nunca mais de tres a seguir.



5.º

Oito contos e a barriga
Como um ôdre o Cunha tem!
— Porque Deus quando castiga
Não diz quando nem a quem!



A Boa-Hora, foi julgada uma espivativissima hespanhola da Rua da Atalaya, accusada de haver esbofetado, quanto pude, uma triste companheira do seu cruel fadarío. E foi condemnada, pois então! em vinte dias de Aljube e nas custas e sellos do processo, o que tudo montava a uns vinte e cinco mil réis.



— «Irra! dizia ella, em hespanhol, quando o escrivão, ao fim, lhe apresentava a conta. E acrescentava: — Por vinte e cinco duros, em Hespanha, mata-se um homem... e é caro!»



6.º

Tenho um cravo deputado
Que a falar é um trombone!
E anda ás vezes desesp'rado
Por falar... ao telefone!



7.
O Ennes lançou no poço
Um cravo que ganhou rama;
Soprou-lhe... veio o caroço
E o resto a mais do programma!



ERNANDES Costa, o brioso poeta que tanto illustra o exercito portuguez, e mavioso major que tanto ennobrece a poesia nacional, queixa-se amargamente da visinhança que lhe faz, no mesmo andar do seu predio, uma menina que não cessa de tocar ao piano as valsas do inspirado funcionario Carlos Torrie. E n'um momento, em que de balde procura uma ideia, para não repetir o que já disse a paginas 32, exasperado com a música, chama o impedido:

—«O' 27!»
—«Prompto!»
—«Esse piano da visinha do lado está insupportavel Fecha a porta á chave.»



O 27, sem perceber bem porquê, foi dar a volta á chave. Mas não tardou que Fernandes Costa gritasse novamente:

—«27!»
—«Prompto!»
—«Dêste a volta á chave?»
—«Suiba voscelencia que sim, meu commandante...»
—«N'esse caso, torna a dar lhe outra volta.»

PEDIDO EM CASAMENTO



O pretendente —
A mãe — Mas, com certeza, que seu paé quando morreu, lhe deixou...
O pretendente — Deixou-me, sim, deixou-me... orphão!

(O pretendente muito encravado é corrido).

DOENÇA GRAVE

—Levanto me!



—Doe-me!



—Como!



—Passa-me!



—Ahi por volta das cinco torna me a doer...

A RODA



—Torno a comer...



—Torna-me a passar...



—Isso é grave! E que tencionas fazer?
—Não sei! Talvez dê uma saltada a Mondariz. Que lhe parece?

SAPPHO BORDALLO PINHEIRO



8.
Se quér's pôr-te a meu contento,
Se eu sou pobre e tu és rico...
Põe-me á mesa do orçamento
E vamos! chega-m'a ao bico!

A CATALEPSIA MINISTERIAL

